

**A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO
NA OBRA *O GUARANI*, DE JOSÉ DE ALENCAR**

Vanessa Fernandes Dias (UEMG)

vanessafernandes088@gmail.com

Acsa Oliveira Fernandes (UEMG)

acsaoliveira29@gmail.com

Lídia Maria Nazaré Alves (UEMG)

lidianazare@hotmail.com

Tailane da Silva Santos (UEMG)

tailanesantos2011@hotmail.com

Ivete Monteiro de Azevedo (UEMG)

imizevedo62@gmail.com

RESUMO

O assunto deste artigo está desenvolvido em torno da temática: Poéticas da modernidade: um olhar para a diferença, projeto de pesquisa em desenvolvimento neste ano de 2016, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e coordenação do professor Msc. Alexandre H. C. Bittencourt. Agência de financiamento: PAPq. Nas pesquisas realizadas entendeu-se por diferença àqueles que tiveram seus direitos à voz e à vez rechaçados, transformando-se, em consequência disso, num grupo marginalizado. No projeto de pesquisa em questão, volta-se o olhar para a representação de grupos minoritários, quaisquer que sejam. Como o índio está inserido neste grupo, mas não só, por ser muito pouco estudado no âmbito das letras, elegeu-se sua representação na obra de José de Alencar, *O Guarani*, como objeto de análise, porque, acredita-se que o retorno a este romance de fundação, será muito esclarecedor, para que se entenda alguns mecanismos de formação, representativa e real, de grupos minoritários, no que se refere ao direito à voz e à vez, na ficção e na realidade brasileiras. Com a finalidade de analisar com maior confiança a obra em questão, adentrou-se com maior interesse nos estudos realizados por Antonio Candido (2009) e Afrânio Coutinho (1968), pois ambos realizam uma crítica literária esclarecedoras sobre a relação entre história e ficção no Brasil. No que tange à formação do sistema literário brasileiro, o primeiro afirma que inicialmente houve um processo de imposição cultural da matriz colonizadora ibérica e, posteriormente, uma adaptação desta para a cultura local. Para o segundo, o referido sistema, foi constituído mais a partir de um processo de adaptação do que de um processo de imposição da referida matriz. Objetivou-se neste artigo verificar se a personagem Peri de *O Guarani* foi construída a partir de uma ideologia que prima pela imposição ou a partir de uma ideologia que prima pela adaptação da matriz colonizadora ibérica.

Palavras chave:

Afrânio Coutinho. Antonio Candido. Adaptação. Imposição. *O Guarani*.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

1. Introdução

A partir da leitura de diferentes gêneros textuais, referimo-nos aos contos, romances e poesias, sabe-se que o lugar do índio, em obras literárias, sempre foi o da subalternidade. O texto mais antigo do qual se tem notícias é a Carta de Pero Vaz de Caminha, onde ele conta sobre as terras que “achara” e os habitantes que aqui encontrara. Uma apresentação do Brasil já existente, porém representado pelas alegorias indígenas descritas por ele. Na carta, Pero Vaz descreve os indígenas e conta sobre a facilidade em fazer com que eles trocassem seus arcos e flechas por sombreros e carapuças de linho, ou qualquer outra coisa que quisessem. A partir daí, entende-se que o índio foi dominado pelo europeu. A história da índia Iracema, na obra alencariana “Iracema”, e também, a história do índio Peri, na obra *O Guarani*, fazem ver a cultura indígena, no momento da colonização do Brasil, a partir do Ceará e do Campos dos Goytacazes, respectivamente.

Alguns autores apoiam-se nessas obras para desenvolverem seus estudos. Marcelo de Almeida Pellogio, professor e coordenador do Grupo de Estudos José de Alencar, na Universidade do Ceará, afirma que é importante entender a simbologia usada pelo autor, que representa o que houve com a população indígena, que foi dizimada ou sofreu aculturação. Outros como Antonio Candido (1969) e Afrânio Coutinho (1968), também desenvolveram seus trabalhos sobre a literatura brasileira, que podem ser estudados a partir dos romances citados de José de Alencar.

Em princípio, voltou-se o olhar para o modo como o sistema literário brasileiro foi organizado e observou-se, à luz de Antonio Candido (1969), que inicialmente houve um processo de imposição cultural da matriz colonizadora ibérica, e que, posteriormente, houve uma adaptação desta para a cultura local. Mas o leitor percebe que a caneta de Antonio Candido acentua a imposição muito mais que a adaptação. Com efeito, Afrânio Coutinho (1968) acredita que o sistema literário brasileiro foi constituído mais a partir de um processo de adaptação do que de um processo de imposição da referida matriz. Nesse, o realce está na adaptação. Há divergência entre os críticos nesse aspecto.

Este artigo está voltado para análise da representação do índio na obra *O Guarani*, de José de Alencar. O presente estudo traçará um paralelo entre as teorias de Afrânio Coutinho (1968) e Antônio Candido (2009) acerca do processo de formação do sistema literário brasileiro.

Partindo do desejo de estudar a respeito de grupos minoritários e da forma como estes são representados na literatura, escolhemos o índio, que está incluído neste grupo, mas não só, por ser muito pouco estudado no âmbito das letras, elegeu-se sua representação na obra de José de Alencar, como objeto de análise, porque acredita-se que o retorno a este romance de fundação será muito esclarecedor para que se entenda alguns mecanismos de formação, representativa e real de grupos minoritários, no que se refere a voz e a vez na ficção e na realidade brasileiras.

Este artigo justifica-se em virtude de sua importância, quanto ao questionamento que se faz ao lugar e o perfil do índio em tais obras. Seria ele o dono da cultura brasileira ou aculturado pelos europeus? Respondendo a este questionamento direciono-o aos alunos de letras e à sociedade de modo geral, refletindo sobre a necessidade de se instigar estudos literários e obras literárias que representam o choque cultural existente nos primeiros momentos da colonização do Brasil e que transformam o índio na diferença, inviabilizando seu perfil real, sua cultura e sua ação.

Objetiva-se mostrar como o personagem é representado na obra e avaliar se este espaço de representação condiz com o que era a realidade da época da colonização e, se a obra está atualizada, haja vista a mudança ou permanência do antes o fora.

2. Referencial teórico

Afrânio Coutinho (1968), em seu livro intitulado *A Tradição Afortunada*, defende a ideia de que a literatura brasileira surgiu com o barroco e desenvolveu-se em três etapas. Isso se comprova no trecho: “Origem e formação sobre a égide do barroco, nos três primeiros séculos; autonomia no período arcádico-romântico; maturidade na época modernista” (COUTINHO, 1968, p. 159). O autor trata de um relevante problema da historiografia literária brasileira, o de que houve dois processos pelos quais a literatura se desenvolveu. Ele combate essa ideia, quando afirma: “Na evolução da literatura brasileira não houve duas etapas, uma correspondente à fase colonial, outra ao período nacional da história política” (COUTINHO, 1968, p. 160). Para Afrânio Coutinho, a literatura brasileira só teve um período real.

O articulista prossegue em seu texto defendendo a todo momento a existência de uma só literatura brasileira, e que esta, dia após dia, progredia, diferenciando-se da literatura portuguesa. Em contraposição ao

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

pensamento sobre a estética de Afrânio Coutinho, Antonio Candido (2009), em seu capítulo intitulado "Literatura de Dois Gumes", defende que a literatura no Brasil foi a expressão da cultura do colonizador e depois do colono europeizado. Segundo ele, a literatura brasileira é essencialmente europeia e que veio atuar no Brasil, cujos habitantes de cor e tradição diferentes serviram para aumentar sua complexidade. Sob esse aspecto, vejamos um trecho no qual essa ideia se comprova: "Deu-se no seio da cultura europeia uma espécie de experimentação, cujo resultado foram as literaturas nacionais da América Latina no que tem de prolongamento e novidade, cópia e invenção, autonomismo e espontaneidade". (CANDIDO, 2009, p. 2)

No entanto, Afrânio Coutinho contrapõe tal afirmação, dizendo que a influência europeia não foi suficiente para deter a luta pela nacionalização da literatura brasileira. Esta foi se diferenciando da tradição europeia, graças à adaptação ao meio brasileiro, sua cultura e estilo de vida. A este ponto Antonio Candido afirma que: "o que houve não foi fusão prévia para formar uma literatura, mas modificação do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral da colonização e ajustamento ao novo mundo". (CANDIDO, 2009, p. 3)

Para Afrânio Coutinho houve uma evolução que é interna e não condicionada por influências extraliterárias de origem social e política. Afirma ainda que a literatura surgiu com o Brasil, desenvolveu-se no momento de colonização, em que o colonizador encontra uma terra nova, de clima tropical e selva, iniciando um processo de adaptação ao novo ambiente, cultura, tanto étnica quanto linguística.

Entretanto, como o próprio Afrânio aborda, houve o peso de importação da natureza europeia quanto à educação. Porém, ao vislumbrar-se com o "novo mundo", o europeu, diante das riquezas naturais aqui encontradas, passa adaptar-se à nova realidade.

Afrânio Coutinho prossegue a discussão a respeito de como o índio serviu como atração nas eras literárias e da sua contribuição para a literatura brasileira, visto que sua incorporação aos textos literários influenciou na introdução de outros personagens brasileiros, como o caboclo, o caipira, o sertanejo, dentre outros. A partir daí, segundo o autor, é que a literatura vai se difundir na incorporação desse novo cenário de realidades brasileiras aos romances e poesias.

Entretanto, Antonio Candido relata sobre o processo de imposição cultural que houve sobre os colonizados. Os europeus, diante da nova descoberta, começam um processo de mudança no que tange à cultura dos povos primitivos. Seus costumes e práticas passam a ter certas restrições, sobretudo na língua em que falavam, o tupi-guarani, passando a ser proibida em regiões do estado de São Paulo. Com essas privações, a cultura local foi-se enfraquecendo, emoldurando-se aos perfis da cultura europeia.

Contudo, como discorre Antonio Candido, inicia-se um processo de adaptação à cultura local em que os colonizadores passaram a incorporar e misturar as duas culturas. A matriz colonizadora valorizava as características de Portugal, mas possuía os seus interesses aqui, como afirma Antonio Candido (2009): “Olhando a outra face da medalha, vemos, portanto, que a colonização portuguesa ia criando a sua própria contradição, na medida em que se modificava para se adaptar, e ao consolidar as classes dominantes da colônia”. (CANDIDO, 2009, p. 5)

Para Afrânio Coutinho, a linguagem utilizada nos textos foi um dos pontos culminantes do processo de consciência nacional pela riqueza de seus detalhes, e que foi sendo notada, inclusive por estrangeiros como o padre Antônio Vieira. O autor prossegue expondo sobre o pensamento crítico do século XIX, ressaltando a importância da valorização da produção literária da era colonial como sendo resultado do espírito de nacionalidade.

Todavia, o crítico assinala sobre uma velha questão: o primeiro autor da literatura brasileira. “Alguns defendem a posição para Botelho de Oliveira. Ainda outros apontam Anchieta como a primeira figura”. (COUTINHO, 1968, p. 170)

Segundo Afrânio Coutinho, a ligação existente entre romantismo e nacionalidade é falsa, assim como a ligação entre nacionalidade literária e política, pois uma independe da outra. Sob esse aspecto, vejamos o que ele diz: “Todavia, a nacionalidade literária independe da política, ambas se realizando a partir da consolidação da consciência do povo como povo”. (COUTINHO, 1968, p. 173)

Sobretudo, Antonio Candido considera que a partir de sua independência, o Brasil vivenciou um momento sobre o qual refletiu-se sobre sua identidade, nacionalidade. Para isso, somente o índio poderia trazer à realidade um passado cultural:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

De fato, a "tendência genealógica" consiste em escolher no passado local os elementos adequados a uma visão que de certo modo é nativista, mas procura se aproximar o mais possível dos ideais e normas europeias. Como exemplo para ilustrar esse fato, no terreno social e no terreno literário, intimamente ligados no caso, tomemos a idealização do índio. (CANDIDO, 2009, p. 10)

Adiante, ele diz ainda que vários autores se plasmaram com a imaginação de um "índio ideal", mas que na realidade o era diferente do imaginado, o que refletiu na literatura. O Romantismo foi um período em que se refletiu sobre a nacionalidade brasileira, por meio do indígena. Buscava-se resolver os problemas herdados do barroco. A partir do movimento romântico, que busca se consolidar uma literatura sólida, nacional.

2.1. O índio: peça-chave do nacionalismo

O Romantismo no Brasil possui três fases: a primeira mostra a face nacionalista; a segunda a face do exagero sentimental; a terceira a face de cunho social-liberal. Foi uma fase de consciência nacional, o desejo de individualização nacional. O índio representa a independência estética do romantismo brasileiro, é a peça-chave do nacionalismo. Há, nesse período, a inserção de termos indígenas nos textos como busca da identidade brasileira. José de Alencar é um dos principais escritores a fazer isso.

Com base nas informações acima e nos teóricos já discutidos, partiremos para análise do *corpus* colhido, a obra *O Guarani*, de José de Alencar.

Na primeira fase do Romantismo, a representação do índio possui algumas características significativas que serviram para caracterizar esse período literário. A história da obra em análise passa-se no século XVII, às margens do rio Paraíba e tem por protagonista o índio Peri, portanto, uma época, uma cena, um herói. O protagonista Peri é descrito como um guerreiro, o herói das matas, um corajoso e bom selvagem, um líder. José de Alencar retrata na figura do índio as características marcantes do povo brasileiro, seu caráter e paixão pela natureza. Ele é detalhista em suas descrições e valoriza os traços do índio, acentuando-os, como podemos observar nesse trecho onde o autor destaca as características de Peri:

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até o meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem. Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele cor do cobre, brilhava com

reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente: a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte, mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência. (ALENCAR, 1984, p. 20-21)

Observemos a riqueza de detalhes com a qual escritor trabalha. Nota-se que esse foi um artifício que ele usa trabalhando em busca de pensamento de nacionalidade literária. Em suma, suas obras são um álibi poderoso na qual ele trabalha com a valorização adequada, defendendo o nacionalismo. Assim como afirma o próprio José de Alencar, era preciso muito mais que representar paisagens e linguagem. Faz-se necessário expressar o sentimento que comanda as ações.

Na obra, Peri é representado como um “bom selvagem” que convive em harmonia com a família de D. Antônio de Mariz, um fidalgo que morava na região do Paraíba, onde o índio habitava. Era muito estimado pela família dos Mariz desde em que salvara a vida de Cecília, a filha do fidalgo. Desde então, era tratado com afincos e respeito por eles, a não ser por Isabel, uma jovem, filha ilegítima da família e por D. Lauriana, que mantinha por ele um desprezo e ingratidão pelo ato heroico por sua filha. Se referia, pois, a ele, sempre em tom de desprezo e palavras de tons pejorativos. Como mostra o trecho a seguir: “(...) Essa casta de gente, que nem gente é, só pode viver bem nos matos”. (ALENCAR, 1984, p. 52)

Entretanto, apesar do desprezo que recebera de D. Lauriana, o índio se tornou próximo deles, vivendo em constante harmonia, passando a habitar numa cabana nos arredores da casa dos Mariz. Ele, a cada dia ia conquistando a confiança de todos, principalmente de Cecília, fazendo todos os seus desejos e vontades. No que tange ao processo de adaptação cultural, por parte dos portugueses na era colonial, podemos observar na obra o modo como Peri vivia. No princípio, era tratado como escravo de Cecília, passa a viver ao redor da família, mas não abre mão de seus hábitos, apesar de abandonar sua tribo. José de Alencar retrata o índio na obra como o modelo ideal do Romantismo, o modo como ele trabalha com os personagens e o espaço era um meio de ir contra o lusitanismo.

José de Alencar dá voz e vez a seus personagens como não seria possível em outro tempo e lugar. Sua obra carrega cenas que na época em que se passa a história e por ser um romance de fundação, seria quase impossível de acontecer. No entanto, trabalha com maestria atribuindo ao texto um sentido fabuloso, usando de sua incrível capacidade de escrita, fazendo dela o veículo adequado para objetivar seu pensamento de defesa

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

nacionalista. No que diz respeito às cenas improváveis de José de Alencar, podemos destacar a relação de proximidade e o vínculo existente entre Peri e Cecília. Observemos o trecho que melhor descreve essa ideia:

(...) começou a compreender essa alma inculta; viu nele um escravo, depois um amigo fiel e dedicado. (...) A casa onde habita um amigo dedicado como este, tem um anjo da guarda que vela sobre a salvação de todos. Ele ficará conosco, e para sempre. (...) a minha casa está aberta para todos, e sobretudo para ti que és amigo e salvaste minha filha (ALENCAR, 1984, p.80,82,104).

O sentimento expresso por Peri, por sua vez, era de submissão à moça, visto que largara sua tribo, abriu mão da própria família para servir à família dela. Fora morar nos arredores da fazenda e, desde então, vivia para satisfazer todas as vontades de Ceci, como ele a chamava, arriscando muitas vezes sua própria vida só para vê-la feliz e satisfeita. Considerando-se escravo, julgava-se no dever de fazer de tudo para proteger e velar pela vida Cecília. Criou na imagem dela uma espécie de divindade, a qual ele era súdito e tinha o dever de velar pela proteção.

No entanto, caracterizando sentimentos do índio Peri em relação à moça, percebemos a adaptação cultural que ocorreu a partir do momento em que o índio larga tudo, sua tribo e família para viver ao lado de Ceci. Vejamos:

Ver aquela alma selvagem, livre como as aves que planavam no ar ou como os rios que corriam na várzea; aquela natureza forte e vigorosa que fazia prodígios de força e coragem; aquela vontade indomável como a torrente que se precipita do alto da serra; prostrar-se a seus pés submissa, vencida, escrava! (...) Peri é escravo da senhora. (ALENCAR, 1984, p. 79 e 80)

Nota-se a submissão de Peri diante da família Mariz. O índio, obcecado pelo amor que tinha pela sua senhora, passa então a viver para Ceci. Ajuda o fidalgo e passa a acompanhá-lo em suas excursões. Peri é representado em toda obra como personagem muito inteligente, calculista, perceptivo, corajoso, zeloso e de uma alma nobre pura. José de Alencar compara-o várias vezes à natureza, exaltando sua beleza, assim como a exuberância da natureza brasileira. Beleza esta que era notada pela família que vivia na chácara: "(...)onde é que esse selvagem sem cultura aprendera a poesia simples, mas graciosa; onde bebera a delicadeza de sensibilidade que dificilmente se encontra num coração gasto pelo atrito da sociedade?" (ALENCAR, 1984, p. 89). Quanto ao caráter do guerreiro indígena, consideremos a fala de D. Antônio de Mariz a respeito do mesmo:

É para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha fi-

lha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem. (ALENCAR, 1984, p. 34)

No que tange ao processo de imposição cultural presentes na obra em análise, nota-se que até certo ponto podemos observar adaptação cultural à matriz colonizadora. No entanto, isso não se sucede até o final da história. Há um ponto culminante no enredo da obra em que o índio se submete a um processo de imposição cultural. A princípio, mostra-se resistente, dono da sua vontade:

Quero que estime sua senhora e lhe obedeça, e aprenda o que ela lhe ensinar, para ser um cavalheiro como meu irmão D. Diogo e Sr. Álvaro. (...) Ceci vai te ensinar a conhecer o Senhor do Céu, e a rezar também e ler bonitas histórias. Quando souberes tudo isto, ela abordará um manto de seda para ti; terás uma espada, e uma cruz no peito. Sim? (...) Peri precisa de liberdade para viver. (...). (ALENCAR, 1984, p. 120 e 121)

Nota-se, pela fala da moça, a tentativa de impor ao índio a sua cultura e seus costumes. Contudo a resposta de Peri à sua proposta é decepcionante, o que leva Ceci a zangar-se com ele, ignorando-o por um tempo. A retratação que José de Alencar faz desse processo de imposição na obra, refletindo a realidade da época, faz-nos perceber o valor que os índios tinham e qual a condição à qual deveriam submeter-se para que fossem "valorizados". Só serviriam por completo quando se sujeitassem à cultura da matriz colonizadora.

Todavia, Peri se desvencilha de sua vontade, quando a vida e proteção de sua amada é posta em discussão: "Porque se tu fosses cristão, eu te confiaria a salvação de minha Cecília, e estou convencido de que a levarias ao Rio de Janeiro, à minha irmã" (ALENCAR, 1984, p. 201). Considerando tal proposta, o índio, sentindo-se o herói e salvador de sua amada, submete-se à imposição e então passa a aceitar os ideais impostos:

Peri quer ser cristão! Exclamou ele. D. Antônio, lançou-lhe um olhar úmido de acolhimento. – Nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo o homem possa dar o batismo. (...) Ajoelha, Peri! O índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça. Sê cristão! Dou-te o meu nome. Peri beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe apresentou, e ergueu-se altivo e sobranceiro, pronto a afrontar todos os perigos para salvar sua senhora. (ALENCAR, 1984, p. 201 e 202)

A partir do momento em que Peri se submete à tal cultura, D. Antônio confia-lhe o dever de salvar sua filha. O processo de adaptação ao qual o índio vivenciou o levou à imposição, visto que, a essa altura, já fa-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

lava bem o português. A partir desse ponto, o índio sai e vai embora levando sua senhora com o intuito de salvá-la. Parte, então, em direção ao Rio de Janeiro, enquanto a tribo dos Aimorés ataca a esplanada matando toda a família do fidalgo.

José de Alencar faz uma alusão à grande catástrofe bíblica do dilúvio, no fim do livro, quando Peri, aludido como Noé, toma Cecília em seus braços e se salvam, mediante a grande explosão do rio Paraíba e partem juntos pelo horizonte.

Sobretudo, podemos apontar alguns pontos positivos e negativos decorrentes da idealização do Índio. Uma das positivas é a valorização que lhe davam, esta, sem dúvida, foi muito importante. Valorizar o indígena, sua cultura, língua e natureza foi muito significativo para o Brasil e também um dos ideais nacionalistas. Todavia, no romantismo o índio é referido como bom, alma pura, valente, corajoso e honesto. No entanto, essa pureza e simplicidade despertou ainda mais o desejo de conquista da colônia pelos portugueses. Ao se depararem com esse povo veem um campo fértil para atuarem, desconsiderando a cultura local dos viventes primitivos. Isso gerou a dizimação dos indígenas, escravidão dos mesmos e extinção de sua língua, como tupi-guarani. Antonio Candido aborda sobre seu ponto negativo quando afirma:

Ainda mais drástico foi o caso da língua geral, o tupi-guarani, adaptado pelos jesuítas e falado corretamente por toda a população bilíngue em diversos lugares e que foi proibida em São Paulo na segunda metade do século XVIII, até se extinguir rapidamente no meio cada vez mais estabilizado dentro da cultura de tipo europeu. (CANDIDO, 2009, p. 3)

Observemos nesse trecho como foi drástica a imposição cultural da matriz. Com essa ação, grande parte da língua desse povo foi escassa da sociedade. Ao chegarem ao Brasil, não apenas dizimaram os povos e frearam suas tradições, mas foram, aos poucos, destruindo toda a cultura de um povo do qual somos oriundos.

2.2. Isabel- representação do mestiço aculturado

Partindo das discussões até aqui realizadas, faz-se necessário a abertura de um parêntese para refletirmos sobre o papel de Isabel na história e tentar entender seu comportamento diante de Peri. Na busca pela compreensão pelo modo como a jovem se refere ao índio, consideremos primeiramente o lugar de onde ela vem.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Isabel é uma jovem mestiça, filha ilegítima do fidalgo e que fora criada pela família, desde que ficara órfã. José de Alencar oculta sua origem na obra, mas pelas características físicas e considerando a época em que a história se passa, acredita-se que a moça seja filha do fidalgo com uma índia, e que ele a trata como sobrinha, temeroso em trazer à tona a paternidade. O autor apenas sugere, mas tal sugestão com ar de verossimilhança.

D. Isabel, sua sobrinha, que os companheiros de D. Antônio embora nada dissessem, suspeitavam ser o fruto dos amores do velho fidalgo por uma índia que havia cativado em uma de suas explorações. (...) Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília: era o tipo brasileiro em toda sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade. (ALENCAR, 1984, p. 16 e 25)

Todavia, nosso questionamento é este: o que levou a moça a dispensar ao indígena tal tratamento de desprezo e repugnância? Vejamos que ela, como mestiça, está incluída no grupo minoritário, mas que passa a viver sob imposição cultural, a partir do momento em que vai morar com os Mariz. Tal comportamento nos faz crer que se trata de uma tentativa de negação do passado que a jovem tenta esquecer, apagar. Visto que seu ódio por Peri se deve ao fato de que ele não seria capaz de impor sua cultura, tornando-os incapazes de se sobressairam à cultura colonizadora. Observemos um trecho em que a jovem se refere ao índio com o referido tratamento:

– Só falta o outro animal selvagem.

– Peri! Exclamou Cecília, rindo-se da ideia de sua prima.

– Ele mesmo! Só tens dois cativos para fazeres a tuas travessuras; e como não vês o mais feio e o mais desengraçado, estás aborrecida.

(...)

– Pedirás a meu tio para caçar-te outro que farás domesticar e ficará mais manso do que o teu Peri.

– Prima, disse a moça como um ligeiro tom de repreensão, tratas muito injustamente esse pobre índio que não te fez mal algum.

– Ora, Cecília, como queres que se trate um selvagem que tem a pele escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um índio é um animal como um cavalo ou um cão? (ALENCAR, 1984, p. 26)

Podemos considerar que, ao falar de Peri, a jovem está, sobretudo, colocando-se em seu lugar e triste pela condição em que se encontrava. Isabel representa o mestiço aculturado que sofreu com as imposições à qual foi submetida. Entretanto reconhece seu lugar, sua origem e situação

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

à qual está inserida. O diálogo realizado com Cecília ilustra bem esse fato. Vejamos: "(...) o teu bom coração bafio olha a cor do rosto para conhecer a alma. Mas os outros? ... Cuidas que não percebo o desdém com que me tratam?" (ALENCAR, 1984, p. 26)

Ao pronunciar estas palavras com tom de amargura e tristeza, a jovem sente o desprezo por não ter o estereótipo europeu. Contudo, a jovem tem o seu papel significativo na obra. José de Alencar trabalha de uma forma única e que nos chama atenção. O autor confiou a ela o único papel genuinamente romântico do livro. Apaixonada por Álvaro, que outrora só tinha olhos para Cecília, sofre por esse amor e tem um destino trágico, como comum no período romântico.

Concluindo nosso pensamento, podemos considerar que ambos os personagens analisados sofreram imposição cultural da matriz colonizadora e seus valores e origem foram negligenciados, dada a incapacidade de expressão de pensamento e ideologia devido à repressão sofrida. Este romance de fundação foi esclarecedor para entendermos como se deu o processo de colonização e as consequências desse ato de na vida dos colonizados. Advogamos, portanto, que assim como na era da colonização, na realidade atual existe, com maior ocorrência, a repugnação para com aqueles que não se adequam aos padrões da matriz.

3. *Conclusão*

Partindo da busca de expressar o modo como os grupos minoritários são representados na sociedade e, sobretudo na obra analisada, pondera-se que José de Alencar trabalhou com o sentimento de nacionalidade, sendo considerado o fundador da literatura brasileira. No entanto, mesmo em defesa do índio na obra, o que sobressaiu e ganhou poder foram as ideologias da matriz colonizadora. No princípio mostra a adaptação cultural ocorrente, mas no final a matriz consegue seu intuito de adequar o indígena a seus padrões religiosos.

Sendo assim, considerando a realidade da época em que a obra foi produzida, conclui-se que mesmo com a luta pela nacionalidade e o sentimento por essa busca nacionalista, a matriz, ganha espaço e conquista o colono, europeizando-o. Em contrapartida, o processo apresentado na obra de José de Alencar contraria o que Antonio Candido diz. O segundo afirma que primeiramente há um processo de imposição cultural e posteriormente uma adaptação da matriz referida. Já na obra analisada o que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

acontece é justamente o contrário, há uma adaptação cultural, depois uma tentativa frustrada de imposição cultural e somente no fim essa tentativa se realiza. No que se refere ao pensamento de Afrânio Coutinho, este afirma que em todo o tempo o que houve foi a luta pela nacionalidade que se firmava dia após dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: _____. *Literatura brasileira*, n. 3, 2009.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1984.

ALENCAR, José de. *O guarani*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1984.